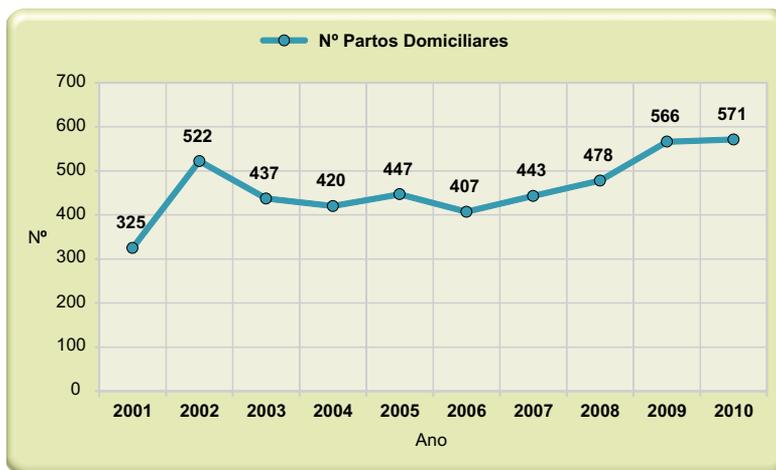


PARTOS DOMICILIARES

A ocorrência de partos domiciliares observada no conjunto de nascimentos variou entre 0,2% e 0,3% no período. Entretanto, quando analisados os números absolutos, verifica-se que houve um salto desse valor em 2010 em relação a 2001 (**figura 7**).

Figura 7 - Número de nascidos vivos* de partos domiciliares segundo ano de nascimento no município de São Paulo, 2001 a 2010



Fonte: SINASC/CEInfo/SMS - SP, fev. 2011
* Mães residentes no município de São Paulo

Os partos domiciliares, na cidade de São Paulo, apresentam circunstâncias diferentes e peculiares. Há os que ocorrem no domicílio, sem assistência de um profissional de saúde, provavelmente sem planejamento, constituindo a maioria. Nestes casos, a DN é preenchida pelos cartórios de registro civil ou pelo hospital que prestou assistência imediata ao recém-nascido e à mãe.

Há, porém, uma parcela de mulheres que optam pelo parto no domicílio, na presença da família, recebendo assistência de profissionais médicos ou enfermeiros. A SMS-SP fornece formulários de DN para profissionais cadastrados (cinco médicos e nove enfermeiras obstetras), que por sua vez a preenchem na ocorrência do parto.

Em 2010, dos 476 (83,5%) partos domiciliares ocorridos sem assistência profissional, 70,0% das mães tinham idade inferior a 30 anos e 15,8%, menos de 20 anos. Em relação à escolaridade, apenas 19,0% estudou mais de 12 anos e 87,2%, entre 4 e 11 anos. A maior parte (88,9%) era solteira, 49,1% de cor parda ou preta, 65,1% possuía entre 1 e 3 filhos e apenas 25,0% realizou mais de sete consultas de pré-natal. Dos recém-nascidos destas mães, 75,4% pesaram mais de 2.500g. Somente um quarto destas mães residia em áreas da cidade com melhores condições socioeconômicas, com altos níveis de renda e escolaridade, segundo o Índice Paulista de Vulnerabilidade Social⁽¹⁾.

Os partos assistidos por profissionais autônomos e cadastrados representaram em 2010, 16,5% do total de domiciliares, correspondendo a 95 nascimentos. A escolaridade destas mães era superior a 12 anos de estudo em 87,5% dos casos; 66,3% apresentava mais de 30 anos de idade, 65,3% constituiu-se de profissionais com ocupações relacionadas às ciências e artes; 65,3% era casada; 95,8% de cor branca; 92,6% realizou sete ou mais consultas de pré-natal e em 49,5% este foi o primeiro parto. Todos os recém-nascidos deste grupo apresentaram peso superior a 2.500 g, 96,8% com índice de Apgar acima de 8 no primeiro e no quinto minuto. A maioria (86,3%) residia em bairros com predomínio dos grupos 1 e 2, isto é, nenhuma ou muito baixa vulnerabilidade social⁽¹⁾.

⁽¹⁾O Índice Paulista de Vulnerabilidade Social – IPVS foi elaborado pela Fundação SEADE. Os dois grupos apresentados neste texto foram:

Grupo 1 – Nenhuma Vulnerabilidade: engloba os setores censitários em melhor situação socioeconômica (muito alta), com os responsáveis pelo domicílio possuindo os mais elevados níveis de renda e escolaridade. Apesar de o estágio das famílias no ciclo de vida não ser um definidor do grupo, seus responsáveis tendem a ser mais velhos, com menor presença de crianças pequenas e de moradores nos domicílios, quando comparados com o conjunto do Estado de São Paulo.

Grupo 2 – Vulnerabilidade Muito Baixa: abrange os setores censitários que se classificam em segundo lugar, no Estado, em termos da dimensão socioeconômica (média ou alta). Nessas áreas concentram-se, em média, as famílias mais velhas.